

Diários da pandemia

Profissionais do Hospital de Campanha de Goiânia relatam, em primeira pessoa, como é um plantão na maior unidade de referência para o combate à Covid-19 em Goiás

Rodrigo Hirose
rodrigo.hirose@opopular.com.br

Desde o início da pandemia de Covid-19, uma imagem ocupa o imaginário das pessoas: médicos, enfermeiros, maqueiros e demais profissionais de saúde que mais lembram astronautas. Por trás de todo esse paramento, estão pessoas que se dedicam a tentar salvar outras do inimigo mais letal da história recente: o coronavírus Sars-CoV-2. Em todo o mundo, este

micro-organismo tirou, até agora, mais de 715 mil vidas; quase 100 mil delas no Brasil, quase 2 mil em Goiás.

Para enfrentá-lo, milhares de homens e mulheres de máscara, protetor de acrílico e roupas especiais se misturam em hospitais Brasil a fora. Em Goiás, a primeira unidade especializada no combate à Covid-19 foi o Hospital de Campanha (HCamp) de Goiânia. Trata-se de uma pequena cidade: são 900 funcionários, mas quase 11 mil pacientes passaram por lá em quatro meses. Destes, 366 morreram até a tarde de sexta-feira (7)

e 10,4 mil tiveram alta hospitalar.

A unidade funciona as 24 horas do dia. A contratação, para um período de seis meses, teve custo de R\$ 57 milhões. Só de testes para diagnosticar a Covid-19, foram 3,7 mil do tipo RT-PCR e 1.072 testes rápidos para os colaboradores do hospital.

Nesta reportagem, O POPULAR não vai contar histórias destes profissionais. Eles próprios é que vão. Em forma de diário, a enfermeira Maria Solange de Oliveira Sanção, de 46 anos, enfermeira responsável pela regulação; o clínico geral Ian Camilo

Costa Maranhão, de 25; e a psicóloga hospitalar Jéssica Rosa da Silva Borges, de 27, contam a rotina durante um plantão na unidade.

Cada um em sua área, eles ajudam a engrenagem do hospital a funcionar. Maria Solange monitora e busca vagas para internação. Ian atende nos consultórios, onde explica aos pacientes o quadro de cada um, solicita exames e indica para internação, quando for o caso. Jéssica trabalha no amparo emocional tanto de pacientes quanto de familiares. Confira seus diários:

Ian Camilo Costa, clínico geral, 25 anos

Dia 5 de agosto, quarta-feira

12 HORAS

Mais um dia normal de trabalho: saio do meu outro emprego, almoço e corro para o Hospital de Campanha, onde vou dar um plantão de seis horas. Outros dois colegas já estão trabalhando desde as 7 horas. Minha função é ajudar nos atendimentos, no horário mais crítico, porque à tarde chegam mais pacientes. Me paramentei e fui para a triagem. Na tela do monitor, há 18 pacientes que ainda não foram atendidos. Em cada um dos 12 consultórios há um paciente isolado, aguardando. Coloquei todos os equipamentos e vou para os atendimentos.

12H15

Atendi minha primeira paciente, uma mulher de 24 anos, no consultório 13. Ela se queixa de sintomas gripais: febre, tosse, dor de cabeça, dor no corpo. Ela procurou o pronto-socorro porque a mãe é enfermeira e trabalha na linha de frente da Covid-19. A paciente me contou que os três adultos e uma criança da casa estão com sintomas. Por isso, está preocupada.

Eu a tranquilizo pela benignidade da doença dela, que, por ser um caso suspeito e estar com sintomas leves, provavelmente vai evoluir bem nos próximos dias. A orientei e prescrevi alguns remédios sintomáticos para conforto e suporte.

Falei sobre os sinais de alarme e que, caso apareçam, ela tem de voltar ao pronto-socorro: falta de ar, respiração mais acelerada, piora do padrão respiratório e piora do estado geral.

Me desparamentei, troquei o avental, a luva e entrei no consultório 11 para atender a um casal. Eles também estão com os sintomas leves e não têm o diagnóstico confirmado de Covid-19. Se queixam de dor no corpo e febre há quatro dias.

Eles tiveram contato com um caso confirmado. Perguntam sobre o período de trans-



Wildes Barbosa

"Não para de chegar gente. No fim do plantão, havia 27 pacientes não atendidos"

missão, caso estejam realmente infectados com Covid, quando podem voltar ao trabalho e ao convívio social. Eu oriento que o tempo de isolamento social, a partir do início dos sintomas, é de 14 dias.

13H

Atendi a uma paciente de 26 anos, que também se queixou da perda de olfato e de paladar, tosse. Ela estava com alguns sintomas moderados: falta de ar leve e dor no peito quando respirava.

Liguei um sinal de alerta na minha cabeça para qualquer alteração. Pedi alguns exames e uma avaliação da decisão física. Mas o exame físico dela me tranquilizou, o pulmão dela está limpo. Então, pude mandá-la para casa e retornar se tiver piora dos sintomas.

13H30

Enquanto estava no meu computador, prescrevendo e

avaliando as entrevistas que foram feitas. Ouço choro no consultório ao lado, que é de assistência social. Provavelmente, alguém recebia a notícia da morte de um ente querido. Isso me fez refletir: essa doença mata muita gente, muita gente está perdendo familiares. Apesar de, na triagem, a maioria dos casos serem leves, muita gente morre por esta doença.

14H

Atendi casos semelhantes: pessoas com síndrome gripal, febre, tosse, perda de olfato e paladar. Elas questionam sobre a possibilidade de ser Covid-19, o que tem de ser feito. Orientei de acordo com os protocolos da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde.

15H

Olhei para a tela. Apesar de três horas de atendimento ininterrupto e junto aos meus cole-

gas que estão trabalhando desde às 7h, ainda há 17 não atendidos. Ao meio-dia, quando cheguei, tinha 18. Não para de chegar gente.

Neste momento, as enfermeiras comentam o quanto o plantão de segunda-feira foi movimentado. Elas não tiveram tempo nem mesmo para lançar.

16H

Mais atendimentos de casos leves, nenhuma intercorrência. Indiquei testes para alguns e orientei sobre o tratamento. Expliquei que ainda não temos vacina, nem tratamento específico e que na Covid a gente trata os sintomas. Se tiver febre, trata a febre; se tiver dor, trata a dor. E que, caso apareçam sinais de alerta, retornem ao pronto-socorro para fazer a reavaliação, saber se precisam de reoxigenação, exame de imagem ou internação. Na maioria dos casos, não vai precisar.

17H

Chegou uma ficha amarela: uma paciente mais grave, que possivelmente precisa de internação. Ela está com desconforto respiratório, precisa de exame de imagem. Então faço a internação.

17H30

Chegou uma paciente de 82 anos, acompanhada da filha. Ela tinha a respiração bastante acelerada e estava cansada. Ela tem o diagnóstico de Covid-19 e em pouco tempo pode entrar em insuficiência respiratória. Fiz a internação dela. E sigo para outro atendimento.

18H

Encerrei o plantão. Olhei para a tela: ainda tem 27 pacientes não atendidos. Este é realmente o horário mais crítico. Voltei para o hotel onde estou hospedado. No dia seguinte, serão mais 12 horas de plantão.